

Cinema de Arte

promoção

organização

direção

do

Acervo Digital

Walter
da Silveira

Clube de Cinema da Bahia



13 - Agosto - 1966

“Vidas Sêcas”

Acervo Digital

Walter
da Silva

FICHA TÉCNICA:

Realização — Nelson Pereira dos Santos

Roteiro — Nelson Pereira dos Santos, sobre o romance de Graciliano Ramos

Fotografia — Luiz Carlos Barreto

Montagem — Rafael Justo

Interpretação — Atila Iório (Fabiano), Maria Ribeiro (Sinhá Vitória), Jofre Soares (o fazendeiro), Orlando Macêdo (o soldado), Gilvan e Genivaldo (os meninos), Baleia (a cachorra).

Produção — Herbert Richers — Luiz Carlos Barreto — Danilo Trelles, 1964.

★ Prêmio do Ofício Católico Internacional do Cinema, no Festival de Cannes de 1964.

★ Prêmio dos Cinemas de Arte, no mesmo Festival.

O prestígio, a responsabilidade, por certo a glória, a que hoje tem direito Nelson Pereira dos Santos não lhe vieram por acaso. Se seu talento para o cinema é indiscutível, muito do alto respeito que impôs nacionalmente, com projeção para o mundo, veio de uma longa pertinácia, quando não de constantes sacrifícios. Todos que seguiram sua carreira desde o início, da época em que, abandonando a advocacia, aderiu ao cinema como assistente de direção de Rodolfo Nanni (“O saci”) e Alex Viany (“Aguhla no palheiro”), podem recordar as condições difíceis de sua estréia na realização com “Rio, 40 graus”, em 1954. Produção irregular, feita à base de esforços amadorísticos, esse filme de que nascia o primeiro instante de um cinema urbano brasileiro teve de enfrentar uma batalha judicial de intensa repercussão pública para vencer uma censura despótica e estúpida. E só três anos mais tarde, “Rio, zona norte” viria prosseguir a visão neo-realista da grande cidade, com menos audácia, com menos acerto também. A primeira fita não fôra rendável, mas tivera o entusiasmo da crítica. A outra falhara como negócio e arte. Seguiu-se um período obscuro, com pequenos trabalhos medíocres para industriais do documentário (Jean Manzon e I. Rozemberg). Nem diferente seria a retomada da longa-metragem com “O Bôca de Ouro”: em 1960: um trabalho inferior, que fazia pensar no desaparecimento do cineasta independente e lúcido. Foi quando partiu para o sertão baiano em busca de local para a filmagem de “Vidas sêcas”, em 1961: ainda nas primeiras tomadas, as chuvas e a inundação das margens do São Francisco impediram o trabalho. Para aproveitar material, equipe e viagem, veio a improvisação de “Mandacarú vermelho”, uma guerra de família quase em estilo de Western, sem autenticidade e vigor. Mas, o romance de Graciliano Ramos estava para sempre no caminho: afinal, em 1963, no interior de Alagoas, Nelson Pereira dos Santos fazia o mais realizado de todos os filmes brasileiros.

Provavelmente, “Vidas sêcas” não seria no Brasil tão admirado se o estrangeiro não o consagrasse: ainda resiste entre nós um sentimento colonial de admiração pelos reflexos mundiais da cultura brasileira. Mas, os dois prêmios de Cannes, os louvores da crítica francesa, de 1965 na França, deram para convencer a opinião nacional de que realmente Nelson Pereira dos Santos é um cineasta legítimo, um homem de cinema para ficar.

Ficar sobretudo pela dignidade do tratamento cinematográfico atribuído ao romance de Graciliano Ramos. Aqui não há, certamente, o cinema de autor, tão defendido e proclamado como única saída moderna para o impasse do filme como arte e do cinema como indústria. Mas, existe, sem dúvida, um exemplo notável de transposição da literatura para o cinema. Raramente se tem conhecido uma prática mais justa das relações teóricas entre romance e filme. O romance do mestre da novelística brasileira permanece íntegro e perfeito. No entanto, deixou de ser literatura, passou a ser cinema. Talvez, é verdade, já houvesse no romance um tanto de roteiro e muito da desdramatização que aparece no esti-

lo de Nelson Pereira dos Santos. Mas, a solução do problema da luz nordestina, com a vibração solar se fazendo difusamente em branco, quase sem contrastes de negros, é uma solução puramente cinematográfica como atmosfera. Também a continuidade, exigência do cinema resolvida contra a discontinuidade do relato, permissão da literatura. E ainda, a condição próxima do humano que o filme concede à cachorra, transformando-o no centro dramático da terrível humanidade dos personagens, se o romance a insinuava, o cinema a precisa, dá-lhe uma substância íntima e densa. Tanto no livro quanto no filme, o despojamento, a secura a nenhuma eloquência, em vez de frear o impacto de uma situação ultrajante para o homem brasileiro, ampliam, a violência contida com que se denuncia a injustiça, a fome, a miséria, o desamparo. E o visual no caso talvez seja mais intenso do que oral, a imagem do cinema do que a palavra do romance.

"Vidas secas", marco da literatura nacional. Marco do cinema nacional.

Acervo Digital

Walter da Silveira

